

O COTIDIANO DE PROFESSORES DE SALAS MULTISSERIADAS

The daily lives of teachers working in multi-grade classes

RAMALHO, Maria Nailde Martins¹
SCHNETZLER, Roseli Pacheco²

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender o cotidiano dos professores que atuam em classes multisseriadas, suas reflexões e intervenções no processo de aprender a ensinar. Faz parte da tese intitulada: *Na roça, na roça... Eu me tornei professor: um estudo sobre a formação docente de professores de classes multisseriadas no Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha*. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e teve como instrumento para a coleta de dados a entrevista semiestruturada e a observação do cotidiano dos professores. Os resultados apontam o descaso do Poder Público com a educação do campo, mas apresentam professores que demarcam, de forma singular, uma maneira de ver, sentir, atuar e interpretar o seu papel docente, em suas múltiplas dimensões constitutivas: sacrifício, solidão, renúncia, insegurança, memória, prazer, subjetividade e transgressão.

Palavras-chave: Cotidiano; Classes multisseriadas; Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This research aims to understand the daily lives of teachers working in multi-grade classes, their reflections and interventions in the process of learning to teach. It is part of the thesis entitled: *Na roça, na roça... Eu me tornei professor: a study on teacher training for teachers of multi-grade classes in Northern Minas Gerais and Vale do Jequitinhonha*. The methodology was qualitative and had the instrument for data collection, the semi structured interview and observation of everyday life of teachers. The results point to the neglect of public education in the rural areas, but present teachers that have mark, uniquely, a way to see, feel, act and interpret their teaching role, in their multiple constitutive dimensions: sacrifice, loneliness, resignation, insecurity, memory, pleasure, subjectivity and transgression.

Keywords: Daily; Multi-grade classes; Teaching and learning.

¹ Doutora em Educação pela UNIMEP Piracicaba, Professora Adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: nailderamalho@gmail.com

² Professora da UNIMEP Piracicaba.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado parcial da tese de doutorado que se intitula ***Na roça, na raça... eu me tornei professor: um estudo sobre a formação docente de professores de classes multisseriadas no Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha***.³ Nosso objetivo é compreender o cotidiano dos professores que atuam em classes multisseriadas no Norte de Minas Gerais e suas implicações na busca pela melhoria da qualidade do ensino das escolas do campo. Assim, partimos da hipótese de que a vida cotidiana dos docentes possa favorecer um maior sentimento de pertencimento à cultura e a valores da comunidade em que os professores estão inseridos.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa com características etnográficas. Portanto, foram selecionados dois professores que atuam em turmas multisseriadas na zona rural do município de Espinosa/MG, pelo fato de o município apresentar grande incidência de classes multisseriadas.

Nesse sentido, temos como eixo central, em nosso texto, o seguinte questionamento: Até que ponto os professores de classes multisseriadas, mesmo em face às dificuldades e aos entraves do cotidiano dos professores, ainda conseguem ensinar e aprender?

Para tentar responder a esse questionamento, organizamos o artigo em dois momentos: a análise das entrevistas e as observações realizadas com os dois professores de turmas multisseriadas. Dessas observações e entrevistas, criamos seis categorias que ficaram assim distribuídas: O cotidiano na perspectiva do outro; A vida com as condições adversas; As múltiplas funções; Desarticulação teoria-prática; As condições da infraestrutura favorecem o processo educacional; e A escola rural como possibilidade de aprendizagem da função docente.

Há de se registrar que o processo de investigação do cotidiano dos professores rurais de turmas multisseriadas se constituiu num local de ação, tendo como foco sujeitos ativos, produtores de análise no âmbito do trabalho. Pois, segundo Carvalho:

A vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar um esporte de sempre, sair para um “papo” de sempre, etc... Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige que a consciência (CARVALHO, 1994, p.23).

Sob esse enfoque, o cotidiano se apresenta como um espaço de estudo através do qual as múltiplas atividades desempenhadas pelo homem possibilitam reconhecer não apenas a reprodução, mas a produção de sentidos **“das suas relações sociais”**.

Portanto, com base na concepção de formação do ser humano, de constituição de sujeito incompleto, inconcluso e diverso, é que o trabalho de campo, destinado à observação de dois professores, se apoia.

³ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação, de autoria de Maria Nailde Martins Ramalho, e que teve como orientadora a Dra. Roseli Pacheco Schnetzler.

ELE NÃO ESTÁ SOZINHO...

Durante os momentos que antecederam a observação propriamente dita, consideramos que o nosso olhar sobre os sujeitos observados não seria destinado a um sujeito individualizado e solitário, uma vez que, segundo Vygotsky (1998), passamos a ser nós mesmos através do outro, já que a formação individual se dá numa relação dialética com o meio social, pois as características individuais vão sendo formadas a partir das interações do indivíduo ao longo da sua vida.

Por outras palavras, Fontana reitera esse pensamento:

Não viemos ao mundo providos de espelhos, mas de pares: a consciência de nossa própria individualidade organiza-se e desenvolve-se em nossas relações sociais. Tornamo-nos nós mesmos através dos outros. Ao nascer, cada um de nós mergulha na vida social, na história e vive, ao longo de sua experiência, distintos papéis e lugares sociais, carregados de significados – estáveis e emergentes – que nos chegam pelos outros (FONTANA, 2000, p.61).

Nessa caminhada e diante das peculiaridades que as turmas multisseriadas apresentam, tendo em vista o próprio objetivo desta pesquisa de investigar sobre a constituição docente, fizemos a opção de selecionarmos dois professores que estavam cursando o Normal Superior, no município de Espinosa/MG⁴ com o intuito de acompanhá-los e observá-los durante suas rotinas diárias.

A PRIMEIRA OBSERVAÇÃO⁵

O primeiro professor pesquisado, identificado como E.S.L., tem 24 anos e iniciou o seu trabalho como docente em fevereiro de 2006. A tarefa de acompanhar o cotidiano desse professor teve início no dia 15 de agosto de 2006, às 22h30, após o término das aulas na Universidade, uma vez que ele estudava no turno noturno em Espinosa e morava numa comunidade rural do município. A comunidade fica a 14 km da sede do município. O percurso até lá se constitui por 8 km em rodovia asfaltada e 6 km em estrada de terra. O transporte utilizado por E.S.L. para se deslocar diariamente para estudar é o chamado “pau de arara”, caminhão com bancos de madeira em sua carroceria, coberto por uma lona.

Valendo-nos desse meio de transporte, saímos de Espinosa às 23h, juntamente com outros alunos, moradores da comunidade de Rio Verde e adjacências. Posso afirmar que o desconforto durante o trajeto é enorme. Chegamos ao povoado às 23h40, em virtude das péssimas condições da estrada de terra. A residência de E.S.L., no entanto, fica distante do povoado, motivo pelo qual iniciamos uma caminhada que durou 20 minutos. A única iluminação de que dispúnhamos era a luz da lua e das estrelas.

Nesse percurso, chegamos a atravessar um rio que, por não possuir ponte, deixou-nos com água na altura da panturrilha. Segundo E.S.L., no período das chuvas, a travessia é feita com a água atingindo a cintura. Pontualmente,

⁴ O curso Normal Superior do município de Espinosa é oferecido no *campus* da Unimontes, localizado no próprio município e funciona em regime regular.

⁵ A primeira observação foi realizada, *in loco*, pela autora Maria Nailde Martins Ramalho e descrita pela mesma.

à 00:00h, chegamos à sua residência. Em virtude de minha visita, a sua família encontrava-se ainda acordada a nos aguardar.

E.S.L. mora com sua mãe, uma das tantas mulheres guerreiras conhecidas na região como viúva de marido vivo e que, após ter sido por ele abandonada, assumiu, com a ajuda de sua mãe, a criação e a educação dos seus três filhos pequenos, na época. Segundo essa mulher guerreira, mesmo sendo analfabeta, ela sempre fez muita questão de que os seus filhos estudassem, mesmo diante da difícil condição financeira da família, o que os obrigava a trabalhar na roça, exigindo-lhes um grande esforço físico. Ela sempre teve o estudo dos seus filhos como prioridade. Após essa conversa inicial, decidimos ir dormir, pois, principalmente eu, estava muitíssimo cansada.

Na manhã do dia seguinte, quando me levantei às 8h, deparei-me com E.S.L. que já tinha cumprido suas obrigações rotineiras da roça e encontrava-se sentado à mesa, organizando as atividades que iria desenvolver logo mais na escola onde trabalhava.

O interessante, ou diferente, é que ele estava planejando, em folhas de papel A4, atividades diferenciadas para cada um dos alunos. Isso para ganhar tempo, pois, na mesma turma, há um aluno na pré-escola; dois na 1ª série, em níveis diferentes; um na 3ª série; e outro na 4ª série. Quando terminou o seu planejamento, já estava na hora de almoçarmos, era 09h30 da manhã e, apesar de tão cedo, após a refeição, teríamos que caminhar até o povoado onde o carro havia nos deixado na noite anterior. Dependíamos de um outro pau de arara para chegar ao local que, segundo ele, fica próximo da escola. Concluí então que, mesmo ele morando na comunidade onde trabalhava, o percurso realizado entre o local de moradia e o de trabalho não era fácil.

Dessa vez, chegar ao povoado foi mais fácil, pois contávamos agora com a luz solar, o que facilitou bastante os 20 minutos de caminhada. Ainda na saída de sua casa, um fato que não posso deixar de comentar: a mãe dele o chamou e entregou-lhe uma sacola de plástico.

Mais tarde, ele me confidenciou que, dentro daquela sacola, levava o lanche das crianças. Como a escola não possui cozinha, nem fogão, ele era responsável por preparar e levar a merenda. É importante dizer que a escola é mantida pelo Município, entretanto ele é quem tem de providenciar o preparo da merenda. Sendo assim, sua mãe assumiu essa tarefa, com o intuito de que ele tivesse tempo para se dedicar às tarefas da roça nas primeiras horas da manhã.

Ficamos aguardando o caminhão no povoado. Às 11h embarcamos, juntamente com algumas crianças que estudam em uma outra localidade próxima de onde estávamos indo. Naquela escola, são oferecidas as séries finais do ensino fundamental.

Após 20 minutos de viagem, numa estrada que é um verdadeiro “sobe morro, desce morro”, ele me anunciou que já era hora de descermos do transporte. Enfim, chegamos, pensei. Mais uma vez, estava equivocada. Ainda teríamos que andar cerca de 1.500 metros para, finalmente, chegarmos à escola. Nesse percurso, como é próprio da região, novamente tivemos que

atravessar um rio que, mais uma vez, cobria os nossos pés. Em síntese: sacolas nas mãos e morro pela frente para cumprir um percurso de difícil acesso. Para minha alegria, eis que ele anuncia: “Lá está a escola!”

De imediato pude perceber que o prédio da escola era composto de uma única sala. A escola encontra-se solta num campo e dispunha apenas de um minúsculo quintal, com dois banheiros ao fundo. Não possui energia elétrica, nem água canalizada. Os banheiros não possuem vasos sanitários e utilizam o sistema de fossa séptica. As poucas carteiras existentes encontram-se em condições precárias. Algumas delas se transformaram em mesas para acomodar as caixas onde se encontram os poucos volumes de livros didáticos e as garrafas com água para as crianças beberem. A lousa encontra-se necessitando de uma urgente restauração. Não existe nenhum outro recurso didático nessa escola. Diante dessa situação, a minha preocupação passou a ser a seguinte: Como seria dar aula diante de todas aquelas condições limitadas?

Apesar de não ter a resposta, naquele momento, não me pareceu uma situação da qual pudesse esperar muito. A minha expectativa aumentava consideravelmente. Estava, de fato, ansiosa para ver o que teria pela frente. Até então, a única certeza que possuía era a de que estava frente a um professor iniciante que, durante a sua formação no ensino fundamental, havia estudado em turmas multisseriadas, tendo leigos como professores. Ele cursou o ensino médio em 2001, através de um projeto da Secretaria Estadual de Minas Gerais, intitulado “A Caminho da Cidadania”. E, no momento dessa observação, E.S.L. cursava o ensino superior.

Depois do reconhecimento do local e da simultânea reflexão que me suscitava, pude perceber que os alunos já se encontravam na escola. Tentando não demonstrar a minha surpresa diante das constatações acima descritas, apresentei-me para as crianças e justifiquei a minha presença. Em seguida, o professor iniciou sua aula, corrigindo as tarefas que haviam sido dadas para casa. Neste dia, do total de seis alunos que frequentam aquela escola, apenas três estavam presentes. Os demais, conforme relato do professor, participavam de uma festividade familiar. As tarefas foram corrigidas individualmente. Enquanto isso, as crianças tentavam fazer as atividades das folhas que o professor havia planejado em casa. Rapidamente ele concluiu a correção e voltou a atenção para o acompanhamento das atividades que as crianças haviam iniciado, explicando-as, individualmente, por várias vezes.

Terminada a primeira atividade proposta, que eram os exercícios de Português, ele passou a trabalhar com a disciplina de Matemática. O que me chamou a atenção foi que, nesse momento, ele não mais trabalhava individualmente, mas simultaneamente com as três crianças.

Quando indaguei sobre o motivo da mudança de estratégia metodológica, ele me disse que, em Matemática, eles estão num mesmo nível de aprendizagem e que, apesar de ser um conteúdo destinado à 1ª série, em que estão dois alunos, o outro, que está na pré-escola, também acompanhava com tranquilidade.

Ao finalizar a aula de Matemática, já estava na hora do lanche. Ele serviu as crianças e permitiu que elas fossem brincar ou descansar por 15 minutos. Quando a aula reiniciou, como a disciplina prevista para esse momento era Estudos Sociais e o conteúdo a ser trabalhado era “A minha comunidade”, o professor sugeriu um trabalho de campo, no qual as crianças teriam como objetivo apresentar-me a comunidade onde moravam. Essa atividade revelou-se extremamente interessante. Além de atender ao trabalho das crianças, constituiu uma excelente oportunidade para que eu conhecesse a realidade socioeconômica dos alunos e da comunidade em geral.

A proposta inicial consistia em mostrar-me onde moravam. Para cumpri-la, estabeleci com eles o trato de que não entraria em suas casas, pelo fato de não ter feito contato com os pais anteriormente. Na verdade, a minha preocupação era a de não invadir a privacidade dessas famílias, ao adentrar em seus lares sem a devida permissão. Embora sem entender direito a minha atitude, eles concordaram com o trato e iniciamos a nossa caminhada. Eram três alunos, sendo que dois deles eram irmãos.

Foi uma caminhada bastante divertida, pois eles não paravam de falar um só minuto. Falavam sobre tudo: moradores, animais, festas, escola... Portaram-se como verdadeiros guias turísticos. Após certo tempo, estávamos diante da casa dos alunos que eram irmãos. Por acaso, a mãe deles apareceu na porta e fez questão de que entrássemos. Confesso que, apesar do meu constrangimento, não tive coragem de negar o convite, pois se assim agisse estaria, segundo essa mãe, fazendo-lhe uma desfeita. Enfim, entramos. Sentamos e conversamos a respeito da escola e das crianças. Ela insistia o tempo todo que era muito importante que seus filhos estudassem. Além disso, ressaltou a sua satisfação porque há três anos as crianças frequentavam a escola, mas só agora eles demonstravam gosto em frequentá-la, segundo ela, por estarem começando a aprender alguma coisa.

A nossa visita teve de ser breve, pois ainda tínhamos de ir à casa do outro aluno. Dez minutos de caminhada, e lá estávamos. Durante o percurso, encontramos com o pai dessa criança que livremente se pronunciou, convidando-nos a “dar um pulinho” até sua casa. Essa visita teve o mesmo teor da anterior e as conversas foram, praticamente, as mesmas. A grande diferença ficou a cargo das condições socioeconômicas, visivelmente privilegiadas.

Como a primeira visita, esta também foi breve. Retornamos para a escola e já estava na hora de terminar a aula. Como é próprio de toda visita que se preze, em uma comunidade rural, esta foi permeada por palavras calorosas e demonstrações de satisfação por terem me conhecido. Despedidas feitas, eu e o professor partimos para o retorno até a sua casa.

A volta não foi diferente. Caminhamos até o ponto onde, novamente, esperamos pelo caminhão que nos apanhou às 16h30 e nos deixou no povoado. Prosseguimos o percurso a pé, dessa vez num ritmo mais rápido, para que chegássemos a tempo de tomar um banho e jantar. Afinal, tínhamos que voltar ao povoado, mais uma vez, até as 18h15, pois agora pegaríamos o pau de arara novamente para estarmos em Espinosa às 19h, horário do início das aulas na Universidade. Apesar do enorme cansaço físico, os horários foram cumpridos. Por vivenciar essa mesma rotina todos os dias, E.S.L. já estava acostumado com

esse batente, ao contrário de mim. Ao final dessa maratona, ele se sensibilizava com o meu estado físico. Nessa noite, ele assistiu, como sempre, às aulas do seu curso até as 22h30, completando um ciclo que ele, heroicamente, vem vivenciando diariamente.

No dia seguinte, ele teve acesso aos registros da minha experiência: meu diário de campo e as fotografias tiradas. Afirmo que tal experiência foi de profundo significado para esta pesquisa. Ali tive a possibilidade de vivenciar algumas dificuldades que, se fossem apenas descritas por ele, jamais seriam traduzidas com tanta fidelidade.

Foi exatamente nesse contexto, diante da visita ao campo e após entrevista realizada, que surgiram marcas apresentadas no cotidiano de E.S.L. que passamos a apresentar a seguir.

A PRIMEIRA MARCA: O COTIDIANO NA PERSPECTIVA DO OUTRO

Segundo E. S. L, o dia da minha visita traduziu muito bem o seu dia-a-dia. Ele ressaltou apenas que a minha presença, de certa forma, o deixou envaidecido, contudo, preocupado. Anterior à minha visita, ele considerou que eu, na condição de sua professora, com um ritmo de vida e de trabalho bastante diferente do dele, pudesse fazer um juízo depreciativo dos seus costumes e que chegou a duvidar que eu conseguisse acompanhá-lo durante todo o dia. Porém, a pesquisa representava para ele mais um desafio diante de tantos que já enfrentara. Acrescentou que essa apreensão também foi partilhada pela sua família, que se preocupou em não poder me oferecer uma hospedagem mais confortável. Contudo, segundo ele, essa preocupação se desfez nos primeiros minutos em que cheguei à sua casa, durante a conversa inicial com a sua família, uma vez que a empatia foi recíproca. Contribuiu, para isso, o fato de eu ter falado abertamente da minha vida, das minhas dificuldades, deixando-os bastante à vontade.

Mesmo depois de ouvir tal depoimento, me dei conta de que, apesar da empatia estabelecida entre nós, eu estava numa condição de forasteira. No entanto, também percebi que a condição de pesquisadora não pode se transformar numa atitude de imparcialidade. Afinal, o fato é que existia uma pessoa que até então não fazia parte daquele contexto e que, por um determinado motivo, entrelaçava naquele momento as suas vidas.

Nesse sentido, compreendi a importância e o papel do pesquisador em se colocar realmente na pesquisa. Pois, se tivesse me mantido imparcial, naquele momento, sem fazer uso da minha verdadeira história de vida, muitos dos fatos que vivenciei poderiam ser camuflados.

Na mesma direção, identifico três situações explícitas do “estranhamento causado pelo outro numa situação cotidiana”. A primeira que me levou a essa conclusão aconteceu com a minha chegada na casa de E.S.L. A segunda ocorreu quando me encontrei com as crianças na escola. E a terceira se deu durante a visita às casas dos alunos. Isso pelo fato de que a presença de uma pesquisadora no habitat de um professor-aluno causou, num primeiro momento, um sobressalto por parte de todos, permeado por constrangimentos, dúvidas e incertezas do que estava por vir. Por mais que tivéssemos conversado sobre a pesquisa e sobre a necessidade de que a

rotina diária fosse preservada, não posso deixar de manifestar um clima de tensão ocorrido nos momentos iniciais de cada encontro.

O acanhamento instaurado permitiu-me constatar que a presença do outro não é neutra e que a existência de uma pessoa diferente no cotidiano de um sujeito causa sentimentos e emoções diferentes. No entanto, E. S. L. afirmou que, quando iniciou o seu trabalho de docente, numa comunidade próxima à sua residência, teve a mesma sensação diante das crianças e dos pais, pois percebia uma enorme expectativa deles em relação ao trabalho que iria desempenhar. A superação dessa experiência, segundo o professor, só aconteceu após um período que ele chama de conquista. Para ele, a conquista está diretamente relacionada à confiança, à aceitação e ao bom relacionamento entre as partes e, para que isso ocorra, requer um tempo.

Frente a esse panorama, o que me chamou a atenção foi a forma como eles lidam com a presença do outro. Apesar de estarem diante de uma nova circunstância, dispensam aos "forasteiros"⁶ um tratamento carregado de carinho, afeição, bondade e agradados. Isso significa que a presença do outro, por mais que lhes cause estranheza, é traduzida por atitudes amigáveis.

SEGUNDA MARCA: A LIDA COM AS CONDIÇÕES ADVERSAS

Viajar num caminhão pau de arara, fazer uma longa caminhada, atravessar rios a pé durante a noite, eram condições que se apresentavam como adversas para a pesquisadora. Embora E.S.L. tenha confirmado que para ele não se trata de uma situação apropriada, visto que muitas vezes considerou-a desumana, ele incorporou tais condições como necessárias no momento em que vive. Apesar de não saber como, E.S.L. deseja superar essa realidade. Para isso, procura ver o momento como transitório. Acrescenta que a falta de infraestrutura da escola, a falta de materiais pedagógicos e de recursos didáticos, enfim, as péssimas condições de trabalho que ele enfrenta podem e devem ser superadas, desde que haja um maior investimento das e nas políticas públicas. E.S.L., acreditando na superação das adversidades, demonstra a sua esperança na mudança dessa realidade e, no que concerne à sua responsabilidade, tem lutado, insistentemente, junto aos órgãos públicos, tentando sensibilizá-los, demarcando o seu compromisso social e político diante dos fatos. Contudo, durante a entrevista, disse: *"Eu já estou cansado de tanto enviar ofícios para a Secretaria Municipal de Educação solicitando melhorias para a escola [...] até hoje não consegui nada"*.

O exercício da docência para E.S.L. consiste em vencer obstáculos, como a dificuldade no percurso para chegar à escola, a falta de infraestrutura do prédio escolar, os mobiliários precários, o acervo bibliográfico deficitário, as péssimas condições sanitárias, a pouca merenda, a carência de materiais escolares, a falta de água canalizada, a ausência de outros funcionários e a inexistência do serviço de apoio pedagógico, dentre outros que compõem a realidade com a qual ele se depara em sua rotina de trabalho. Porém, o que atestei também foi a sua conduta na tentativa de amenizar os problemas, optando pela busca de parcerias voluntárias. Para contornar a dificuldade do percurso escolar, conta com o

⁶ Forasteiros: expressão utilizada pelos moradores do local para referir-se a E.S.L., por ocasião da sua chegada à escola e à minha pessoa durante o período de observação.

motorista do carro de leite que o transporta diariamente num caminhão pau de arara. Dos poucos livros que a escola possui, a maior parte foi doada pelos colegas da Universidade. Por vezes, os pais contribuem com alimentos nativos como reforço da merenda e pequenos reparos na mobília escolar. Como já foi exposto, o serviço de merenda é feito na sua própria residência por sua mãe e a água utilizada no educandário é cedida por um vizinho da escola.

Todas essas descrições atestam que as colaborações de vários outros são de suma importância para o funcionamento da escola. Graças ao espírito de solidariedade presente na comunidade, E.S.L. desempenha sua função, ainda que em condições desfavoráveis, uma vez que as autoridades políticas nada têm feito para reverter esse cenário.

TERCEIRA MARCA: AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES

E.S.L. foi contratado pela Prefeitura Municipal para exercer o cargo de professor. Contudo, diante das adversidades que encontra naquela comunidade, a sua função tem extrapolado a condição docente. Como na escola em que trabalha não há outro funcionário, ele assumiu a condição de secretário escolar, uma vez que é ele quem divulga as vagas escolares, faz a matrícula das crianças e mantém toda a escrituração da escola em dia. E.S.L. também assumiu as atribuições do cargo de serviço geral, pois é quem cuida do prédio da escola, varre o pátio, lava as louças, lava os banheiros e leva a merenda pronta para as crianças. No exercício dessas atribuições, ele conta com duas parcerias muito importantes: sua mãe, que faz as merendas, e as próprias crianças que o ajudam na manutenção da limpeza e conservação do prédio escolar. E.S.L. não conta com o serviço pedagógico, portanto, mesmo em processo de formação no Curso Superior, ele tem exercido a função de supervisor educacional, na medida em que tem buscado metodologias e estratégias pedagógicas a partir da sua intuição.

Assim, a observação apresentou as várias funções que E.S.L. consegue conciliar. Ele é o professor, secretário, serviçal e coordenador da escola. Em face de tantas atribuições que lhe são exigidas, é visível o seu cansaço. Porém, mesmo manifestando grande insatisfação com o descaso do município frente a essa realidade, ele não se deixa abater e está sempre recorrendo aos órgãos competentes, através de memorandos e ofícios, solicitando a melhoria da escola. A sua perseverança o leva a acreditar que a situação será alterada.

A relação entre trabalho pedagógico a ser desenvolvido e as diversas funções que o professor acumula no seu dia a dia revela a impossibilidade da neutralidade social e política no espaço do magistério. Diante das dificuldades com as quais ele se depara na tentativa de manter o seu emprego, bem como do propósito de assegurar a escolaridade das crianças camponesas, E.S.L. se prontifica a desempenhar diversas funções que extrapolam a docência. Tal opção, no entanto, é analisada pela pesquisa acadêmica, de um modo geral, como uma atitude que desqualifica a profissão do professor. Contudo, a realidade imposta a várias escolas rurais leva os professores a compactuarem com esse estado de coisas que assola a educação rural. Nesse aspecto, a LDB 9394/96 acentua, significativamente, a responsabilidade do professor e da comunidade em geral pela manutenção e pelo sucesso escolar. A política de articulação família-escola, esboçada no

modelo acima, traz uma série de implicações, dentre elas, algumas que dizem respeito ao papel profissional docente, uma vez que prescreve sobre a função dos professores.

Nota-se que o papel do professor, segundo a LDB 9394/96, está muito além da simples transmissão de informações. Dentro do conceito de uma gestão democrática, ele deverá participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino, isto é, decidir solidariamente com a comunidade educativa o perfil de aluno que quer formar. A Lei também discorre sobre a elaboração e o cumprimento do plano de trabalho, trazendo à tona a organização do professor e a objetividade no exercício de sua função.

Durante a entrevista, E.S.L. manifestou suas impressões: *“Não tenho dúvida que o processo de aprendizagem, para ser eficiente, precisa da articulação e parceria entre professor/família, professor/comunidade. [...] Porém, o que nós vivemos nas escolas rurais é um verdadeiro descaso dos governantes, que transferem para os pais, alunos e professores responsabilidades do Estado.”*

QUARTA MARCA: DESARTICULAÇÃO TEORIA-PRÁTICA

Torna-se importante considerar que E.S.L. ainda não possui uma qualificação profissional acadêmica e que os poucos cursos dos quais participou pressupõem uma atuação docente pautada no modelo da racionalidade técnica, uma vez que, no decorrer dos mesmos, é recorrente a apresentação de “receitas” ou “dicas” para se tornar um bom professor. Para ele, tais cursos não contribuem diretamente para sua prática pedagógica, pois os mesmos não consideraram, ou sequer mencionaram, as singularidades da classe multisseriada. Acrescenta que, na maioria das vezes, não consegue estabelecer uma relação entre a teoria que ele aprendeu nos cursos com a sua prática pedagógica.

Na tentativa de buscar alternativas para desempenhar o papel de professor e diante da realidade da sala de aula multisseriada, percebeu que dali para frente agiria a partir de suas intuições e de seu próprio conhecimento. Como não sabia por onde começar optou por trabalhar apenas o conteúdo de Matemática com as crianças nos primeiros dias de aula. Essa escolha, segundo o próprio professor, se justifica por ter um maior domínio e segurança na disciplina. Procurou colegas com experiências em turmas multisseriadas para auxiliá-lo no processo de alfabetização das crianças e na organização da sala de aula. Concomitantemente, passou a fazer uso de cartilhas, atribuindo às mesmas um papel relevante na sua prática pedagógica. Passado esse primeiro momento, destinado apenas às aulas de Matemática e alfabetização, ele introduziu os demais conteúdos, tais como História, Geografia, Ciências, etc.

Outro elemento identificado por E.S.L. como de fundamental importância nos momentos iniciais da sua carreira foi a forma como a comunidade local o recebeu. Apesar de toda a sua inexperiência, foi acolhido como *“um salvador da pátria”*. Tal gesto pode ser justificado pela credibilidade que essa população atribui à docência, de maneira que ele compreendeu o grau de responsabilidade do seu papel de professor, tornando-se líder comunitário. Para ele, essa nova condição foi determinante na sua formação profissional, pois lhe possibilitou um

olhar mais sensível para as condições socioeconômicas e culturais daquela comunidade.

Durante a observação, chamou-me a atenção o desejo explícito do professor em encontrar um referencial teórico que aborde o espaço multisseriado para auxiliá-lo em sua prática pedagógica. Segundo E.S.L., ele não conhece nenhuma proposta metodológica ou produção científica referente a essa questão. A falta de um aporte teórico, bem como o reconhecimento da importância do mesmo, está explícita no seu discurso: *“Eu nem sabia que existia esse projeto da escola ativa para as escolas multisseriadas.”*

Nesse sentido, a teoria que sustenta a prática docente tem sido alvo de muitos estudos que procuram investigar o referencial teórico subjacente ao trabalho do professor. Entretanto, de acordo com pesquisas realizadas por Becker (1993), as disciplinas Didática, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Currículo, dentre outras, são consideradas, nos cursos de licenciatura, como conteúdos, muitas vezes, pouco valorizados pelos alunos. Isso significa que os futuros professores possuem a possibilidade de investir nos conhecimentos didáticos, filosóficos e sociológicos, mas não os julgam relevantes para a prática pedagógica que está por vir. Diferentemente, o professor leigo, atuando em classe multisseriada, anseia e acredita em uma fundamentação teórica capaz de levá-lo a um exercício profissional mais consistente.

Ao final da análise do cotidiano do professor E.S.L., pude identificar que as grandes marcas apuradas no seu fazer docente estão diretamente relacionadas à apropriação de valores que se espelham em confiança, aceitação, bom relacionamento, carinho, afeição, bondade, espírito de solidariedade, parcerias, perseverança e desejo por mudanças na estrutura da educação rural. Apresentando-se na condição de partilha: *“O pouco que sei ensino da forma que dou conta, diante das condições com as quais me deparo”* (E.S.L., 2006).

A SEGUNDA OBSERVAÇÃO⁷

R.C.A. tem 28 anos e atua como docente na zona rural. A atividade de observação teve início às 6h30 da manhã. Nesse horário, R.C.A. encontrou-me e me apanhou em seu veículo, na casa onde eu estava hospedada em Espinosa. De lá, dirigimo-nos para a escola na qual ele trabalha e que se situa numa comunidade a 6 Km distante da sede do município. Nesse trajeto, contamos com 3 Km em rodovia asfaltada e 3 Km em estrada de terra. Antes mesmo das 7h já estávamos na escola. A comunidade onde a escola está inserida é bem populosa; possui uma igreja, um campo de futebol, um bar/mercearia e as casas são próximas umas das outras. Ao chegar, deparei-me com um prédio pequeno que possui uma área externa coberta, uma cozinha e uma sala grande, na qual foi colocada uma divisória.

A escola visitada pode ser assim descrita: possui uma sala ampla, bem-ventilada, com as paredes bem-pintadas e muito limpas, possui energia

⁷ Foi realizada, *in locu*, pela autora Maria Nailde Martins Ramalho e descrita pela mesma.

elétrica e a água é canalizada. Tem dois banheiros que não possuem vasos sanitários. As carteiras e a lousa estão bem-conservadas. Há, também, uma prateleira com alguns exemplares de livros. Estes foram adquiridos por iniciativa do professor, através de correspondência encaminhada ao Fundo Nacional de Educação – FNDE. A cantina, por sua vez, conta com todo o material necessário.

Após a nossa chegada, num espaço curto de tempo, os 14 alunos do professor já estavam em sala de aula. Como ele trabalha com as fases dois e três do ciclo fundamental, a idade das crianças variava entre 9 e 12 anos. Já era do conhecimento dos alunos que eu os estaria visitando naquele dia. Assim, a aula teve início às 7 h, pontualmente.

Antes que o professor desse início aos trabalhos, apresentei-me. Dando prosseguimento à sua aula, o professor trabalhou a mesma atividade para todos os alunos.

Faz-se necessário relatar que, no dia anterior, cada aluno havia levado um livro de literatura para ler em casa. Na aula observada, o professor conduziu a atividade de forma bastante metódica, estabelecendo que cada um deveria ir à frente para fazer a sua apresentação a respeito do livro lido. Acompanhamos, pois, a apresentação de todas as crianças. Quando estas se encerraram, ele deu início a um trabalho com Português nas duas fases. Entretanto, em uma fase, passou a trabalhar com gênero textual, abordando músicas, enquanto na outra ele entregou o livro de Português e explicou os exercícios de uma determinada página.

Nesse íterim, ele voltou sua atenção para os alunos que estavam trabalhando com textos musicais. No entanto, sempre que um aluno que estava trabalhando com o livro solicitava sua presença, ele o atendia.

A atividade se estendeu por um bom tempo e, de fato, houve um envolvimento muito grande das crianças com as atividades propostas. O professor é muito firme em relação ao cumprimento do horário e, por isso, os alunos são conscientes do tempo destinado ao recreio. Ao final do intervalo, o professor passou a trabalhar simultaneamente com a disciplina Matemática nas duas fases. O conteúdo da aula abordou a relação da adição com a multiplicação. Para isso, ele usou atividades diversificadas, valendo-se sempre da lousa como recurso para esclarecimentos. Ao fim da aula de Matemática, resolvemos, a meu pedido, conversar um pouco com as crianças. Os assuntos foram os mais variados possíveis. Eles contaram como haviam sido as comemorações ocorridas no primeiro semestre daquele ano. Falaram sobre o carnaval, sobre a festa e sobre a copa do mundo. O interessante é que todos esses assuntos estavam registrados no mural da sala. Prosseguindo a nossa conversa, eles também comentaram os filmes que assistiram na escola naquele período: “Procurando Nemo”; “Vida de Insetos”; “A Era do Gelo”;enfim, filmes bem atuais. Segundo as crianças, o professor havia combinado com elas que, uma vez por mês, exibiria um filme, tendo em vista que elas não tinham esse acesso em casa.

Os alunos demonstraram muita satisfação em fazer esses relatos. Pude perceber que, apesar do “pulso firme”do professor dentro da sala de aula, é visível o relacionamento afetuoso entre ele e seus alunos. A conversa se

prolongou até o momento em que o professor escreveu na lousa as atividades destinadas para casa.

Vale registrar o fato de o professor ter organizado todos os conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano, mesmo não recebendo orientações pedagógicas da Secretaria de Educação daquele município. Constatam, nesse material, fichas para acompanhar o desenvolvimento das crianças. Organizou, ainda, uma pasta para cada uma delas, contendo toda a documentação. Nessas pastas, também se encontram as listas de presença das reuniões que ele realiza com os pais. O mais interessante é que ele conta com 100% da presença deles nessas reuniões. Todas as fichas que se referem ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças são periodicamente e devidamente assinadas pelos seus responsáveis.

É visível a organização na escola. Destaca-se, nesse aspecto, principalmente a iniciativa do próprio professor, uma vez que, como a maioria das escolas rurais, também esta não possui um acompanhamento sistemático por parte do órgão competente. Este, por sua vez, limita-se a pagar o professor, a serviçal, manter a merenda das crianças e, a cada semestre, disponibilizar dois cadernos, uma borracha e um lápis por aluno, além de um litro de cola, meio litro de álcool e 500 folhas de papel para o trabalho do professor.

Durante o nosso retorno para a zona urbana, R.C.A. comentou que trabalhava na zona rural por opção. Ele passou no concurso público e ficou bem colocado, o que lhe permitiria optar por uma vaga na sede do município. Entretanto, confidenciou-me se sentir mais à vontade naquela comunidade.

Chegando a Espinosa, após a refeição, ele se deslocou para um segundo turno de trabalho, no qual tem um cargo administrativo. No início da noite, dirigiu-se para a Universidade, onde assistiu às aulas até as 22h30. Segundo ele, somente após esse horário é que ele senta para planejar as aulas para o(s) dia(s) seguinte(s).

QUINTA MARCA: AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA FAVORECEM O PROCESSO EDUCACIONAL

O fato de a escola possuir energia elétrica, contar com uma serviçal, etc. repercute de forma bastante positiva no trabalho do professor. A energia elétrica contribui de maneira salutar, uma vez que permite a incorporação de recursos tecnológicos durante as aulas. Não diferentemente, a água canalizada favorece a limpeza da escola tornando o ambiente escolar mais agradável. A presença de uma serviçal permite que R.C.A. dedique maior tempo na execução das atividades próprias que a função docente requer. Ainda nesse sentido, as condições estruturais têm permitido ao professor a incorporação, através dos recursos tecnológicos, de assuntos da atualidade referentes ao esporte, à música e ao cinema nos seus planejamentos, o que conseqüentemente beneficia e enriquece a sua prática pedagógica.

Sabemos que iniciativas voltadas para melhorar a infraestrutura escolar brasileira devem levar em conta a realidade econômica da região e o objetivo final a ser alcançado. Além disso, os indicadores educacionais acenam que as condições estruturais são mais precárias na área rural e merecem, portanto, a elaboração de políticas públicas especialmente voltadas para essa realidade.

SEXTA MARCA: A ESCOLA RURAL COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM DA FUNÇÃO DOCENTE

Durante a observação do cotidiano de vida de R.C.A., num dado momento, ele me disse ter optado por trabalhar na zona rural, mesmo podendo trabalhar na zona urbana em virtude da sua colocação no concurso público, pelo fato de não ter experiência na docência. De acordo com esse professor, as próprias dificuldades com as quais tem se deparado em virtude da multisseriação o tornarão mais seguro no exercício de sua profissão, pois *“quem é capaz de realizar um bom trabalho em turmas multisseriadas, com certeza, não terá dificuldades em trabalhar em turma seriada [...] mesmo sendo uma turma heterogênea”*. As palavras de R.C.A. deixam claro que, para ele, a docência atual em turma multisseriada está funcionando como uma possibilidade de aprendizagem da profissão. No entanto, ele faz questão de repetir que sua opção por aprender a ser professor na zona rural não se deve a um menosprezo à cultura ou à capacidade de discernimento das crianças rurais, mas, sim, pela possibilidade de atuar num ambiente escolar inusitado e rico para a sua aprendizagem.

Contudo, em virtude de ele acompanhar indiretamente o trabalho de outros professores e identificar as inúmeras dificuldades próprias da profissão, sentiu-se inseguro e optou por uma escola rural, acreditando que o fato de trabalhar em uma escola pequena, que atendia a uma menor quantidade de alunos por sala de aula, iria favorecer sua iniciação na profissão. Porém, por não conhecer de perto essa realidade, ele se deparou com outras dificuldades próprias das escolas rurais e, dentre estas, com a multisseriação. Se, por um lado, essas dificuldades o levaram a uma aflição, por outro, se conseguisse superá-las, então, com certeza, iria atuar em qualquer outra escola com muito mais segurança. Ele acreditava estar diante de um desafio, que nem mesmo sabia que existia e, muito menos, como superá-lo. Diante desse novo fato, preferiu buscar um caminho alternativo, uma vez que desconhecia qualquer procedimento metodológico que lhe assegurasse sucesso no seu novo empreendimento, pois sua experiência era em uma escola seriada. No que se refere à prática pedagógica, R.C.A. é muito metódico. Os planejamentos são muito organizados, os materiais destinados às crianças são bem-elaborados e ele se preocupa com a estética e a limpeza dos materiais e da sala de aula. A apresentação dos conteúdos ocorre através de uma temática pré-selecionada, permitindo-lhe introduzir o mesmo conteúdo para todas as séries, diferenciando apenas as atividades subsequentes à exposição do assunto. Ele dispõe as crianças por grupos de acordo com a série que elas estão cursando, de maneira que procura assistir individualmente as crianças, recorrendo aos alunos das séries mais avançadas como monitores, em alguns momentos. A sua preocupação em trabalhar com assuntos da atualidade também é notável. Contudo, durante a minha observação, não identifiquei, através dos seus registros, nenhum evento de caráter regional ou próprio da cultura local. Enfim, para esse professor, a experiência na docência em uma escola rural e multisseriada o habilitará a trabalhar em qualquer outro espaço educativo.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

As identificações das pistas detectadas através da observação do cotidiano dos dois professores levam-nos a afirmar que o cotidiano interfere e determina muitas de suas práticas pedagógicas, posturas e, conseqüentemente, contribui no processo de formação docente.

A presente pesquisa demonstrou, também, a procura constante de novos caminhos, evidenciando a ousadia no ato de construir possibilidades para a docência multisseriada. Em síntese, o cotidiano das práticas pedagógicas dos professores revelou uma característica multidisciplinar, de caráter plural, que ocupa tempos e espaços diferentes e apresenta uma dinâmica própria.

A pluralidade dos contextos sociais impede a multiplicidade e o conhecimento de um mundo plural que exige do ato de ensinar/aprender novos moldes. Por isso, estudar as práticas pedagógicas do cotidiano escolar é procurar compreender dimensões e sentidos muito particulares de ações que ocorrem no contexto social e educacional e como elas se articulam com a realidade mais ampla. Nesse sentido, medidas e estímulos na tentativa de uma organização mais maleável do ensino, que eliminem restrições e prazos, que introduzam a interdisciplinaridade, abertura e cooperação, parecem-me promissoras. Este é o desafio: construir a escola na diversidade, o uno no múltiplo, encurtando distâncias e superando limites, descobrindo novas possibilidades de intervenção na realidade educacional brasileira.

Enfim, o cotidiano e a prática de professores rurais revelaram que o contexto social, cultural, econômico e político influenciam, de forma decisiva, na formação docente. Nessa direção, ao pesquisar o Norte de Minas Gerais, região que quase sempre é conhecida nacional e internacionalmente pela miséria e pelas dificuldades de toda ordem enfrentadas pela população, delimitei este trabalho, no intuito de que se torne relevante, não só para divulgar as reais condições das escolas rurais, mas também para revelar como acontece o processo de aprender a ensinar dos professores que atuam em classes multisseriadas. Para tanto, vislumbramos a possibilidade de apresentar caminhos para a educação brasileira, diante de temas atuais, como interdisciplinaridade, salas heterogêneas, tempo e espaço escolar no processo de formação docente. Acreditamos ainda que uma grande contribuição desta pesquisa reside no fato de reconhecer a importância do trabalho desenvolvido por esses professores e, dessa forma, romper com a discriminação que segrega os profissionais que aprenderam a dar aula na roça e na raça.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Fernando. **A Epistemologia do Professor**: o cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 1994.
- FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Data da submissão: 18/04/12
Data da aprovação: 29/08/12